

“Um enigma aos nossos próprios olhos”: Eduardo Galeano, Literatura e América Latina¹

André Francisco Berenger de Araújo²

É através das palavras que passamos a conhecer e exercer uma importante parte de nossas relações com o que nos cerca, as terras e as gentes. A própria Rainha Dona Juana e seu filho, o Imperador Carlos V, da Espanha do século XVI, só puderam estabelecer relações com a terra que acabavam de conquistar através das palavras. “Estes dados que estamos enviando a vossas majestades é que são corretos e trataremos aqui, desde o momento em que estas terras foram descobertas até o estado que se encontram no presente, para que vossas majestades conheçam a terra como é, a gente que a habita, sua maneira de viver, seus ritos e cerimônias, suas leis, e o fruto que dela vossas altezas reais poderão obter, e também para que vossas altezas reais saibam por quem nela têm sido servidos”,³ disse uma das inúmeras cartas recebidas pelos imperadores europeus dos seus subordinados em terras distantes.

É, assim, através da língua⁴ que uma parte importante de nossa interpretação sobre o mundo e as coisas é produzida. Quem escreve justamente interpreta o mundo em que vive e, como consequência, tenta transformar (ou manter) as relações que encontra diante de si. Porque um escritor não é somente e simplesmente determinado pelas condições em que vive, assim como também não é um indivíduo isolado que apenas “observa” o que acontece a sua volta. Assim, é preciso reconhecer a “ligação radical e inevitável entre as relações sociais reais do escritor (consideradas não só individualmente, mas em termos das relações gerais da ‘literatura’ numa sociedade e períodos específicos, e dentro destes as relações sociais existentes em determinados tipos de literatura), e o ‘estilo’, ou

‘formas’, ou ‘conteúdo’ de sua obra, agora considerados não abstratamente, mas como expressões dessas relações. Tal reconhecimento será inútil se for, em si, abstrato e estático. As relações sociais não são apenas recebidas: são feitas e podem ser transformadas”⁵.

Através destes séculos, portanto, muito se fez e se escreveu sobre a América. Até mesmo Augusto dos Anjos, o poeta para quem o beijo é a véspera do escarro, não esquece de nos lembrar da América e seus habitantes originários, “desterrado[s] na sua própria terra, / Diminuído[s] na crônica do mundo”. Quando “a civilização entrou na taba”, tudo “exercia sobre ele ação funesta / Desde o desbravamento da floresta / À ultrajante invenção do telefone”. E, agora, “A gente deste século, espantada, / Vê somente a caveira abandonada / De uma raça esmagada pela Europa!”⁶.

É claro que existem versões mais conservadoras destes índios: o índio Peri, de José de Alencar, por exemplo. Mas o importante é perceber que as palavras estão em permanente disputa na literatura, pois são parte das relações sociais e seus conflitos (e não “refletem” ou “simbolizam”). A literatura também é um campo, às vezes fundamental, do conflito social.

O termo América Latina, por exemplo, é um pouco mais difícil de definir do que simplesmente como o continente ao sul do Rio Grande. Tanto é que não são poucos os grupos que tentam encontrar noções que expressem melhor o que se quer dizer para se referir ao nosso continente. Aliás, não é pouco

¹ Este texto foi escrito como trabalho final da disciplina Geografia da América Latina oferecida na graduação da Universidade Federal Fluminense, no departamento de Geografia, pelo professor Carlos Walter Porto Gonçalves no segundo semestre de 2005.

² Graduado em História (UFF), integrante do Grupo de Estudos de América Latina e Caribe – GEALC.

³ CORTEZ, Hernan. *A Conquista do México*. Porto Alegre: LP&M, 1996, p. 15

⁴ “Encontramos então não uma ‘linguagem’ e ‘sociedade’ reificadas, mas uma

linguagem social ativa. Nem é essa linguagem (...) um simples ‘reflexo’ ou ‘expressão’ da ‘realidade material’. (...) Ou, mais diretamente, a linguagem é a articulação dessa experiência ativa e em transformação; uma presença social e dinâmica no mundo”. WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 43.

⁵ WILLIAMS, op. cit., p. 203

⁶ ANJOS, Augusto dos. “Os doentes”. *Eu / Outra Poesia*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d, p. 61-2.

termo inventado não pelos latinoamericanos, mas pelos franceses, no século XIX. E não adianta tentar dizer que essas palavras são pouco importantes, dizendo que são só nomes e é o “resto” que importa. A questão é que este “resto” é definido justamente por essas palavras. Não é à toa que se nomeiam as coisas... Para alguns, inclusive, estas duas palavras pouco servem para nomear nosso continente, preferindo, por exemplo, Abya Yala.

É assim que Eduardo Galeano constrói sua literatura. Desde *As Veias Abertas da América Latina*, e o título é bem sugestivo, Eduardo Galeano traça uma idéia do que seria este continente. Galeano se insere aí, com sua literatura, nesta disputa da América Latina, das “grandezas, maravilhas e estranhezas desta grande cidade de Tenochtitlán”⁷ que Hernán Cortez descreve à Coroa espanhola.

A América Latina é, portanto, mais difícil de definir do que aquele pedaço de terra ao sul do Rio Grande. “Eu não sabia como era a fronteira. Como seria? Nunca tinha visto uma fronteira. Teria orquestra? Teria. E baile e festa e tiro ao alvo. E circo? Orquestra, com certeza. Circo, não sabia”⁸. Neste conto, o andarilho, quando percebe, já tinha passado a fronteira não se sabe quanto tempo atrás. Para Galeano, a América Latina é um projeto político, e não só uma denominação de uma região definida em fronteiras rígidas. Um projeto político que se constitui nas perdas e vitórias dos pobres e excluídos. Neste sentido que Eduardo Galeano constrói sua literatura, refazendo-se do termo, transformando-o de uma “denominação de região”, definida por fronteiras, em um “projeto político” que pega a América Latina e a transforma num continente dinâmico, de conflitos, “de amor e de guerra”.

Dias e noites de amor e de guerra foi um livro escrito em meio ao exílio de Eduardo Galeano. A trilogia *Memória do Fogo* termina seu relato da história da América Latina em 1984, “talvez porque tenha sido esse o último ano do meu exílio”⁹. *As Veias Abertas da América Latina* é lançado em 1971, dois anos antes do golpe militar no Chile, três anos depois do AI-5 no Brasil. É neste período que foi produzida a obra de Galeano na qual vamos procurar identificar alguns traços deste projeto político. Sem dúvida, o lançamento de *As Veias* é um marco inicial, não só pela fascinante escrita, mas principalmente pelo alcance que teve: “a moça que ia lendo o livro para sua companheira de assento e terminou pondo-se de pé e

lendo em voz alta para todos os passageiros enquanto o ônibus atravessava as ruas de Bogotá; ou a mulher que fugiu de Santiago do Chile, nos dias da matança, com o livro envolto nas fraldas do bebê; ou ainda o estudante que durante uma semana percorreu as livrarias da rua Corrientes de Buenos Aires e foi lendo de pedacinho em pedacinho, de livraria em livraria, porque não tinha dinheiro para comprá-lo”¹⁰. Poderíamos acompanhar o marco que o próprio Eduardo Galeano nos deu com o fim do seu exílio, mas preferimos expandi-lo um pouco mais, até o fim da ditadura de Pinochet, quando, talvez, tenha realmente se encerrado um ciclo. “Vimos de diversos países, e estamos aqui, reunidos à sombra generosa de Pablo Neruda: estamos aqui para acompanhar o povo do Chile, que diz *não*. Nós também dizemos *não*”¹¹; isto é o que Galeano disse em uma das inúmeras manifestações contra Pinochet no final da década de 1980. É claro que seria preciso observar os livros posteriores a este marco, para saber se ele se justifica, mas nos contentemos com isso por enquanto.

É, portanto, nos livros escritos entre 1971 e 1990 que vamos identificar estes traços de projeto político que Eduardo Galeano acaba por defender quando empreende seu esforço de escrever sobre a América Latina. “Economia política no estilo de um romance de amor ou de piratas”¹² como ele descreve *As Veias*, ou contos, ou romances, ou artigos de jornal, ou o que seja, Eduardo Galeano empreende um esforço de compreensão deste continente, pois “acontece que a América Latina constitui, ainda, um enigma aos nossos próprios olhos”¹³. E é através deste esforço de compreensão que se define este projeto latinoamericano.

Em uma das histórias contadas em *Memória do Fogo*, aparecem duas artes: uma que artistas equatorianos enviam à Exposição Universal de Paris em 1867 cópias idênticas dos quadros europeus, e outra arte que “floresce nos mercados índios e nos subúrbios populares do Equador (...) Não a fazem os acadêmicos, mas as pobres gentes que comem corações de pulga ou tripas de mosquito”¹⁴. O título do fragmento é “Ser ou copiar, este é o problema”. Em diversos momentos dos livros de Galeano aparece esta idéia. Tanto é que quando Galeano nos conta de alguma revolta, revolução ou insurreição está sempre presente a idéia de recuperação de alguma coisa. Por exemplo, sobre a reforma agrária de Artigas no Uruguai, eram “paisanos pobres (...) que recuperavam

⁷ CORTEZ, op. cit., 62.

⁸ GALEANO, Eduardo. *Vagamundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 29.

⁹ GALEANO, Eduardo. *Memória de Fogo 3: O Século do Vento*. Porto Alegre: LP&M, 1998, p. 359.

¹⁰ GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 285.

¹¹ GALEANO, Eduardo. *Nós dizemos não*. Rio de Janeiro: Revan, 1990, p. 11.

¹² GALEANO, *As Veias abertas da América Latina*, op. cit., p. 285.

¹³ GALEANO, Eduardo. *Contra-Senha*. São Paulo: Ícone, 1988, p. 93.

¹⁴ GALEANO, Eduardo. *Memória de Fogo 2: As Caras e as Máscaras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 275.

na luta o sentido da dignidade”¹⁵; ou então na Revolução Mexicana: “Em 1910, chegou a hora do desquite. México levantou-se em armas contra Porfírio”¹⁶, o México, os pobres, camponeses, índios. Assim como a elite não faz parte da América Latina. “A burguesia se associou à invasão estrangeira sem derramar lágrimas nem sangue”¹⁷. E Bolívar, que encarna uma independência das elites, funda escolas para que os índios “possam receber as luzes européias da civilização”¹⁸. Há, assim, em Eduardo Galeano, uma identificação clara na América Latina de algo (ou alguém) que é sempre excluído, apagado, mas que ainda assim, constitui o que é a América Latina. Num fragmento do primeiro volume de *Memória do Fogo*, em 1563, indígenas fazem um cerco a um forte espanhol e ameaçam queimá-lo. Os espanhóis gritam que “com o tempo ganharemos a guerra! Seremos cada vez mais!” e, questionado sobre com que mulheres se reproduzirão, respondem: “Se não há espanholas, teremos as vossas (...) *E nelas faremos filhos que serão vossos amos*”¹⁹. Parece, então, que quando se trata de elites ou de camadas dominantes não se trata da mesma América Latina que faz os cercos aos espanhóis. Até porque é a América Latina que invade os Estados Unidos quando Pancho Villa atravessa a fronteira em 1916.²⁰

Lendo Walter Benjamin, aparecem duas idéias que nos servem para entender o Galeano e esta América latina, que é um projeto. São as idéias de “experiência” e “narrativa”. Galeano diz num texto sobre *Memória do Fogo* que escreveu a trilogia “contra a amnésia das coisas que valem a pena ser recordadas”. E ainda se compara a um “caçador de vozes, perdidas e verdadeiras vozes que andam esparramadas por aí”²¹. Walter Benjamin distingue a *rememoração* da *memória*, as duas saídas de uma origem comum, a *reminiscência*, que faz o laço de uma geração a outra. “A primeira é consagrada a *um* herói, *uma* peregrinação, *um* combate; a segunda, a *muitos* fatos difusos. Em outras palavras, a *rememoração*, musa do romance, surge ao lado da *memória*, musa da narrativa”²². Benjamin, assim, imagina que o romancista “é o mudo, o solitário”²³ e que a “origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações e que não recebe conselhos nem sabe

dá-los”²⁴. O romance, portanto, está sempre buscando o sentido da vida, da história que conta, que chega inevitavelmente com o fim do livro. E, desta maneira, o romance se separa radicalmente da tradição oral. Não é o que parece fazer Eduardo Galeano. Ao contrário, seus livros se parecem incrivelmente com as definições que Benjamin dá para a “arte narrativa”.

Benjamin diz que a arte de narrar está escassa, “é como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”²⁵. Benjamin diz que isso, ainda que seja um processo bem anterior, se radicaliza com a Primeira Grande Guerra, quando os combatentes voltam “silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos”²⁶. E ele liga essa “pobreza de experiência” diretamente a “esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem”²⁷. Talvez Walter Benjamin não soubesse, mas esta radicalidade já está na América Latina desde os primórdios, onde técnicas totalmente alheias aos povos que aqui viviam eram-lhes sobrepostas e impostas, destruindo todo um tipo de vida, e passam a ser explorados de forma intensa. Talvez aí os indígenas, e também os africanos (e estes talvez ainda de forma mais radical), também voltassem mudos, sem “experiências intercambiáveis”, mas não da guerra (ou também dela), mas principalmente do trabalho nas minas e latifúndios. Não é à toa que Galeano escreve que “nas comunidades, os indígenas viram ‘voltar muitas mulheres aflitas, sem maridos, muitos filhos órfãos de seus pais’, sabiam que na mina esperavam ‘mil mortes e desastres’”²⁸. Assim, poderíamos arriscar, ainda, seguindo Benjamin, que a origem do romance na América Latina está ligada irresistivelmente a este processo.

Mas o que estamos tentando identificar não é a ligação de Galeano com o romance, mas sim com a idéia do “narrador”. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada por outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”²⁹. No texto que leva o nome de *O Narrador*, Benjamin leva essa idéia a uma dimensão nostálgica, sempre ligada ao passado, pois “o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva”³⁰. Em outro texto, *Experiência e*

¹⁵ GALEANO, *As Veias abertas da América Latina*, op. cit., p. 129.

¹⁶ Idem, p. 134

¹⁷ Idem, p. 226

¹⁸ GALEANO, *Memória de Fogo 2*, op. cit., p. 187.

¹⁹ GALEANO, Eduardo. *Memória de Fogo 1: Nascimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 209.

²⁰ GALEANO, *Memória de Fogo 3*, op. cit., p. 75.

²¹ GALEANO, *Nós dizemos não*, op. cit., p. 30.

²² BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras

escolhidas; v. 1), p. 211.

²³ Idem, p. 54.

²⁴ Idem, p. 201.

²⁵ Idem, p. 198.

²⁶ Idem, p. 115.

²⁷ Idem.

²⁸ GALEANO, *As veias abertas da América Latina*, op. cit., p. 71

²⁹ BENJAMIN, op. cit., p. 201.

³⁰ Idem, p. 197.

Pobreza, ele chega a propor para assumirmos uma postura de reconhecimento desta pobreza generalizada de experiências comunicáveis: os homens “aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso”³¹. Definitivamente, não é isso que Galeano parece fazer. Ele se parece com aquele tipo narrador, ainda que de forma diferente, como não podia deixar de ser. Os melhores narradores, para Walter Benjamin, são aqueles que menos se afastam da tradição oral, ou seja, a verdadeira narrativa está fundamentalmente na oralidade. Assim, se um narrador escreve, está somente registrando aquilo que ele ouve de pessoa a pessoa, de povoado a povoado, como uma forma em que as comunidades mantinham seus vínculos. Galeano já recebe um mundo, ou melhor, um continente, em que estas comunidades já estão radicalmente deixando de intercambiar experiências há pelo menos cinco séculos. Assim, Galeano não simplesmente “registra” experiências que são intercambiadas, mas tem que ir buscá-las. E é ao ir buscá-las que ele tenta reconstruir estes vínculos através de experiências que passam, por ele, a ser intercambiáveis. Assim, é através de uma técnica literária própria³² que Galeano intervêm no mundo em que vive, pois procura, com sua literatura, criar (ou recriar) vínculos que teriam sido destruídos continuamente pela colonialidade. E talvez seja em *Memória do Fogo* que, pela primeira vez, esta técnica ganha uma forma mais identificável, ainda que tenha sido construída por todos os livros anteriores, em maior ou menor grau.

O narrador “pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui somente a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer)”³³. A experiência, assim, é aquilo que é comum a uma coletividade, diferente de uma experiência individual. Esta é expressa pela forma do romance, e aquela, pela forma narrativa. O que nos parece que Galeano faz é, justamente, tentar construir esta experiência coletiva do continente latinoamericano. E, através desta experiência, que precisou ser resgatada, continuar uma história, que ainda não acabou. E isto é o que Walter Benjamin diz que faz o narrador. “O narrador é um homem que sabe dar conselhos”, que é “menos

responder uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo contada”³⁴. Ou seja, Galeano, assim como o narrador para Benjamin, não procura dar explicações para o que narra, mas, ao contrário, desperta “no passado as centelhas da esperança”, pois está “convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer”³⁵. A diferença, portanto, que talvez exista entre o narrador que Benjamin caracteriza e Galeano é que este precisa romper com uma tradição literária para reconstruir estas experiências, enquanto que aquele está em extinção, pois as experiências estão sendo cada vez mais destruídas.

Galeano, portanto, procura resgatar algumas experiências coletivas da história da América Latina, que procuramos classificar em três redes temáticas: a exploração da terra e dos homens e mulheres latinoamericanas; a revolta permanente contra esta injustiça; e o sentimento e situação de exílio dos povos latinoamericanos.

Assim, a América Latina tem se caracterizado pela sangria das riquezas e dos povos; é o que está em *As Veias Abertas da América Latina*: “a sangria do novo mundo convertia-se num ato de caridade ou uma razão de fê”³⁶. Em *Vagamundo*, há dois contos que podem nos dar alguma dimensão disto. São sobre trabalhadores das minas, seus sonhos, seu trabalho interminável, a desconfiança dos capatazes que desconfiam “quando vêem os pacotes que os mineiros costumam levar debaixo de seus casacões de trabalho”³⁷. É a exploração de homens e riquezas reais que Galeano nos fala. O nome de um dos contos é “A terra pode nos comer quando quiser”, que fala bastante por si. “Cinquenta índios caídos por terem-se negado a servir nos túneis da mina. Não faz um ano que apareceu o primeiro veio e já se mancharam de sangue as ladeiras do morro”³⁸, assim inicia um fragmento da trilogia *Memória do Fogo*, que nos dá um pouco a idéia do que significou para os índios a exploração da prata de Potosí.

Junto a isso está a exploração dos países latino-americanos por estrangeiros. Naquele mesmo fragmento, Galeano nos conta que a voz do morro tinha dito aos índios: “*Outros donos têm esta riqueza*”³⁹. *As Veias* dedica um capítulo inteiro (“Qual bandeira tremula sobre as máquinas?”) para mostrar como a maioria das empresas presentes na América Latina é de origem estrangeira.⁴⁰ Aliás, não só as empresas são alheias à América Latina, mas a própria

³¹ Idem, p. 118.

³² Benjamin defende o conceito de “técnica literária” para superar o contraste entre forma e conteúdo, ou tendência política e qualidade artística, ou seja, um conceito “que torna os produtos literários acessíveis a uma análise imediatamente social”. BENJAMIN, op. cit., p. 122.

³³ Idem, p. 221.

³⁴ Idem, p. 200.

³⁵ Idem, p. 224-5.

³⁶ GALEANO, *As veias abertas da América Latina*, op. cit., p. 52.

³⁷ GALEANO, *Vagamundo*, op. cit., p. 36.

³⁸ GALEANO, *Memória de Fogo* 1, op. cit., p. 172.

³⁹ Idem, p. 173.

⁴⁰ GALEANO, *As veias abertas da América Latina*, op. cit., p. 232-7.

sociedade que vai se formando: “o modo de produção e a estrutura de classes de cada lugar têm sido sucessivamente determinados, de fora, por sua incorporação à engrenagem universal do capitalismo”⁴¹. A idéia de que os males que afligem este continente são determinados pelo que vem de fora é presente em muitos trechos dos livros. Em um outro fragmento de *Memória do Fogo*, intitulado “Sobre o canibalismo na América”, o canibalismo relatado é a guerra dos governadores europeus que se matam uns aos outros na luta pelo poder de certa região da América⁴². “Na verdade, estrangeiro na América é o capitalismo, que não foi inventado por Manco Cápac nem por Montezuma, e sim imposto de fora e de cima pelos invasores europeus do século XVI”⁴³.

Mas, ainda assim, nem tudo é determinado de fora. Num outro conto de *Vagamundo*, falantes da “velha língua dos antepassados”, espantados ao conhecer a cidade, suas máquinas e avenidas, perguntavam lentamente com seus corações “o que seria de todos vocês se nós não fizessemos o sol sair todos os dias?”⁴⁴. O que não quer dizer também que Galeano pense que a América Latina tenha algum sentimento saudosista, do tempo em que os europeus não haviam chegado, apesar das desgraças de hoje, como se antes tudo fosse perfeito, alguma espécie de paraíso. Num conto seguinte de *Vagamundo*, chamado “tourist guide”, um velho rememorando dos tempos que ainda estava começando “a correr dinheiro”, a certa altura ele diz: “Se éramos felizes? Ninguém é feliz. (...) Mas todos tínhamos vida própria e havia muita união”⁴⁵.

É neste sentido que se define este projeto político latinoamericano. A América Latina é a América dos pobres, dos excluídos, mas que ainda vai acontecer. A América Latina se define nesta contradição de ser do povo, mas dominada de fora (ou pelas elites internas) e, na verdade, ainda não ter se realizado. Parece que é essa a sensação que se tem quando lemos Eduardo Galeano. E é definindo este projeto político, através de histórias e imagens da América Latina, que Galeano vai intervindo na realidade mesma deste continente. Os livros, sejam eles quais forem, não pairam acima da sociedade, mas intervêm diretamente, em maior ou menor grau, na realidade. Isto que estamos chamando de “projeto político” só se forma na medida em que o que Galeano escreve tem conseqüências nas relações sociais, nos

conflitos sociais que ele está envolvido. Seja a mulher que fugiu com *As Veias* enrolado nos panos do bebê logo após o golpe de Pinochet no Chile, como foi citado mais acima; ou mesmo seu próprio exílio, proibição de seus livros em alguns países, fechamento de algumas revistas nas quais escrevia.

Eduardo Galeano escreve muito sobre as ditaduras militares da América Latina. E não é à toa, já que ele viveu neste período e sofreu as conseqüências diretas que um intelectual sofreria, pois poderia escrever em 1990, no fim destas ditaduras, que “na América Latina, o capitalismo é antidemocrático, com ou sem eleições: a maioria das pessoas está presa pela necessidade e condenada à solidão e à violência”⁴⁶. Um dos temas preferidos de Eduardo Galeano foram as conseqüências destas ditaduras e as resistências a elas, silenciosas ou barulhentas.

No terceiro volume de *Memória do Fogo*, sobre o século XX, em 1978, cinco mulheres começam uma greve de fome contra a ditadura militar e logo já são “três mil, dez mil, até que são incontáveis os bolivianos que deixam de comer e deixam de trabalhar e vinte e três dias depois do começo da greve de fome o povo se rebela e invade as ruas e já não há como parar isto. As cinco mulheres derrubaram a ditadura militar”⁴⁷. Seja o povo que se rebela, ou um aluno rebelde da “Faculdade de Impunidades” que escreve numa parede “*Não queremos sobreviver. Queremos viver*”⁴⁸, ou mesmo Chico Buarque que “revista seus interiores, para ver se a polícia não lhe meteu um censor na alma ou não apreendeu sua alegria num momento de distração”⁴⁹, Galeano, em diversas passagens, se encontra com esta resistência, silenciosa ou barulhenta. Na guerrilha da selva da Guatemala, Eduardo Galeano nos conta dos dias que esteve com os guerrilheiros, “uns quantos índios”, que “várias vezes tinham visto estalar napalm do céu, sobre as montanhas vizinhas” e das conversas que escutou ou imaginou: “‘Uma revolução de mar a mar. O país inteirinho levantado. E penso ver isso com estes meus olhos...’ ‘E vai mudar tudo, tudo?’ ‘Até as raízes.’ (...) ‘E os ricos?’ ‘Não haverá mais ricos.’ (...) ‘Nem rico nem pobre.’ ‘Nem pobre nem rico.’ ‘Mas, então, não vai ficar ninguém na Guatemala. Porque aqui, você sabe, o que não é rico é pobre’”⁵⁰. Ou então “esta mulher viu morrer seu melhor amigo. Estavam ocupando uma fábrica, nos subúrbios de Santiago do Chile, nos dias seguintes ao golpe. Esperavam armas para resistir. Foi esquartejado na tortura, mas não

⁴¹ Idem, p. 14.

⁴² GALEANO, *Memória do Fogo* 1, op. cit., p. 178.

⁴³ GALEANO, *Contra-Senha*, op. cit., p. 96.

⁴⁴ GALEANO, *Vagamundo*, op. cit., p. 45.

⁴⁵ Idem, p. 46.

⁴⁶ GALEANO, *Nós dizemos não*, op. cit., p. 87.

⁴⁷ GALEANO, *Memória do Fogo* 3, op. cit., p. 317-8.

⁴⁸ GALEANO, *Nós dizemos não*, op. cit., p. 69.

⁴⁹ GALEANO, *Memória do Fogo* 3, op. cit., p. 286.

⁵⁰ GALEANO, Eduardo. *Dias e Noites de Amor e de Guerra*. Porto Alegre: LP&M, 2002, p. 14-7.

disse que a conhecia”⁵¹. Mas Galeano não se restringe a escrever somente sobre as revoltas, resistências e vitórias contra as ditaduras militares, citações que seriam inúmeras, mas também sobre outras diversas imagens e histórias dos que se levantam na América Latina (e também pela América Latina).

Galeano não só nos convida a perceber a todo momento as revoltas da América Latina, mas também não deixa de falar que estas revoltas, esta guerra existe desde quando Colombo chega por estas bandas. O que não falta são referências a revoltas na América Latina. “Para mim a guerra começou quando nasci”⁵², diz Pancho Villa e nos perguntamos se não é a própria América Latina quem diz isso. “A esperança de renascimento da dignidade perdida incendiaria numerosas sublevações indígenas. Em 1781, Túpac Amaru sitiou Cuzcos”⁵³, escreve em *As Veias Abertas da América Latina*. E é, sem dúvida, através destas revoltas, insurreições e revoluções que vai se criando esta América Latina dos pobres, dos excluídos, que vai definindo aquele projeto político latinoamericano. Projeto político que reúne a dignidade, idéia sempre presente nas imagens rebeldes de Galeano, junto com um sentimento coletivo. De “uma revolução jovem”, a “Nicarágua em estado de assembléia. O povo se organiza, discute, decide” e, nas regiões indígenas, “por unanimidade, a assembléia pede um violão”⁵⁴ até a boliviana que estranha a solidão na Suécia: “*nós, lá na Bolívia, nem que seja para brigar, nos juntamos*”⁵⁵. As revoltas, assim, na América Latina são justamente para fazer esta América Latina se realizar. E Galeano nos diz isso mesmo explicitamente na última página de *As Veias*: “para que a América Latina possa renascer, terá de começar por derrubar seus donos, país por país”⁵⁶.

Esta expressão “país por país” ainda nos lembra que Galeano está sempre falando não de um ou outro determinado país, mas de toda a América Latina. Che Guevara, por exemplo, “tinha estado, e não como turista, no torvelinho da revolução boliviana, e na agonia da revolução guatemalteca. Tinha carregado bananas na América Central e tirado fotografias nas praças do México, para ganhar a vida, e para apostá-la se lançou na aventura do *Granma*”⁵⁷. Bolívar e San Martín não carecem de referências pelo seu esforço de construir a união da América Latina. Este sempre

lutou “pela América, nunca contra ela: quando o governo de Buenos Aires mandou-o esmagar as colunas federais de Artigas, San Martín desobedeceu e lançou seu exército rumo às montanhas, para continuar sua campanha pela independência do Chile”⁵⁸. E ainda, esta união latinoamericana para além das fronteiras, através dos excluídos, é reforçada quando na primeira parte do primeiro volume da trilogia *Memória do Fogo*, “a América pré-colombiana se desenrola através dos mitos indígenas de base”⁵⁹.

A idéia de “país por país” também nos leva à outra consequência das ditaduras militares, o exílio involuntário, o sentimento de não-pertencimento. Eduardo Galeano não só escreve bastante sobre isso (*Dias e noites de amor e de guerra* é praticamente sobre isso e em *A Canção de Nossa Gente* o tema principal também é esse e um dos personagens principais está inclusive voltando do exílio, além de contos e artigos sobre o exílio e sobre a prisão de gente contra a ditadura), mas também acaba por fazer disto uma característica que forma a América Latina. É através do exílio que se reconhece a América Latina. Num trecho de *Dias e noites*, um chileno e um brasileiro se descobrem, se encontram num trem da França: “‘Porra! Então posso falar espanhol!’ E começaram a falar de suas terras perdidas enquanto o trem deslizava rumo a Paris. (...) Depois se disseram adeus com o punho erguido”⁶⁰. Assim, o exílio acaba fazendo parte de uma certa constituição da América Latina, dos povos da América Latina. O exílio do próprio Eduardo Galeano: “Vida cigana. As coisas me acompanham e vão embora. São minhas de noite, perco-as de dia. Não estou preso às coisas; elas não decidem nada”⁶¹.

Mas o exílio não é só daqueles que viveram o tempo das ditaduras. Ao contrário, e é aí que o exílio parece ser constitutivo da América Latina, os povos latinoamericanos, aqueles pobres e excluídos por quem a América Latina ainda está para se realizar, são constantemente expulsos, “desplazados”. “Muitas favelas foram arrancadas do Rio. Foram jogadas longe dos olhos dos turistas. (...) A polícia fechou o terreiro de Vovô Catarino. Ele foi expulso da cidade”⁶². Para se realizar os lucros daqueles que dominam a América Latina, estes tem de ser sempre

⁵¹ Idem, p. 111.

⁵² GALEANO, *Memória do Fogo* 3, op. cit., p. 54.

⁵³ GALEANO, *As veias abertas da América Latina*, op. cit., p. 55.

⁵⁴ GALEANO, Eduardo. *Canção de nossa gente*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 63-6.

⁵⁵ GALEANO, *Memória do Fogo* 3, op. cit., p. 336.

⁵⁶ GALEANO, *As veias abertas da América Latina*, op. cit., p. 281.

⁵⁷ GALEANO, *Dias e Noites de Amor e de Guerra*, op. cit., p. 62. Galeano aqui encontra uma solução muito parecida com uma “das mais belas narrativas do incomparável Johann Peter Hebel”, citada por Benjamin, para mostrar a passagem do tempo: “Os turcos prenderam o general Stein na gruta dos

veteranos, na Hungria, e o imperador José morreu também. O rei Gustavo da Suécia tomou a Finlândia dos russos, e a Revolução Francesa e as grandes guerras começaram, e o rei Leopoldo II faleceu também”, BENJAMIN, op. cit., p. 208. Um relato dos mais secos, sem procurar dar explicações, mas suscitar espanto e reflexão. Idem, p. 204.

⁵⁸ GALEANO, *Memória do Fogo* 2, op. cit., p. 177.

⁵⁹ GALEANO, *Memória do Fogo* 1, op. cit., p. 16.

⁶⁰ GALEANO, *Dias e Noites de Amor e de Guerra*, op. cit., p. 96.

⁶¹ Idem, p. 7.

⁶² Idem, p. 40.

deslocados. Assim, é esse sentimento de não-pertencimento à própria América Latina que faz os pobres deste continente pertencerem uns aos outros. “Eles fizeram Brasília, e de Brasília foram expulsos. A cada dia eles fazem o Brasil, e o Brasil é sua terra de exílio”⁶³. Não é à toa, aliás, que em *A Canção de Nossa Gente*, intercalam-se a história deste exilado que volta a sua cidade e a história de dois mendigos que tentam sobreviver nesta mesma cidade, que parece não os querer. Aliás, já no século XVI, “os índios eram arrancados das comunidades agrícolas e empurrados, junto com suas mulheres e seus filhos, rumo às minas”⁶⁴.

O que nos parece, então, é que são nessas viagens, nesses exílios que se reconhece a América Latina. Aliás, a própria escrita da trilogia *Memória do Fogo* nos sugere isso, ou seja, que viajamos, de forma mais ou menos forçada, e acabamos por conhecer a América Latina em que vivemos. Os livros da trilogia são escritos em pequenos fragmentos que contam episódios, cotidianos ou não, da história latinoamericana. Há uma data, um lugar, um título e a história. E depois outra data, outro lugar, outro título e outra história. E assim por diante, desde a “A rota do sol até as Índias” (antes ainda há os “mitos indígenas de base”) até a carta enviada ao editor junto com os originais dos livros em 1986. Lendo, parece estarmos *viajando* entre as histórias do continente, percebendo diferenças, contrastes, semelhanças, ou seja, *identificando* este continente por entre todas essas localidades e datas.⁶⁵

“Conheço esta história contada por aqueles que lá vivem e por aqueles que vão e voltam. Todos conhecem. Mas há tantas histórias quanto vozes para contá-las”⁶⁶. Essas palavras bem serviriam para falar de *Memória do Fogo*, mas fazem parte de um conto, escrito até antes da trilogia. No conto, assim como em outro que parece estar relacionado, sabemos de um vilarejo de pescadores latinoamericano justamente porque um exilado político por lá se refugiou. Assim como o vilarejo também conhece a cidade do exilado: “Perguntava-me sobre certos botequins e mercadinhos e eu lhe dizia que haviam desaparecido e ele se calava e cuspiu tabaco. ‘Eu não acredito nos tempos de hoje’, dizia o Capitão”⁶⁷. Seja que “um barco havia virado, traído pela ventania. A maré tinha levado um pescador. Não o devolveu”⁶⁸ ou mesmo que a história dos filhos

do Capitão pescador apaixonados pela mesma mulher acabou tragicamente, é através das viagens, causadas muitas vezes, e no caso, pelo exílio forçado, que o refugiado sabe da existência do vilarejo e vice-versa, pois quando ele vai embora, o Capitão diz “Vamos queimar a sua casa e tudo o que é seu”⁶⁹. Assim, parece que se dá um encontro entre a América Latina. E *Memória do Fogo* parece querer nos proporcionar justamente este encontro de suas histórias. E, através de suas histórias, o continente se realiza enquanto projeto de libertação (ainda em andamento) dos povos que nele habitam e, habitando-o, o definem.

É, então, “país por país” que Galeano define este projeto latinoamericano que estamos tentando identificar. Difícil é saber se é isso que Galeano pensa de seu trabalho. George Orwell, em 1946, escreveu em um texto chamado *Por que escrevo* que “todos os escritores são vaidosos, egocêntricos e ociosos, e bem no fundo de seus motivos jaz um mistério”⁷⁰. Ainda Orwell escreveu bastante sobre literatura, e especialmente sobre a relação entre literatura e política; e quando se trata de Galeano, me parece que suas observações podem nos ser valiosíssimas. É muito difícil avaliar a qualidade estética de livros (ou qualquer obra de arte), ainda mais quando são explicitamente políticos, mas Orwell talvez nos dê uma pista por onde começar quando diz que “para um escritor criativo a posse da ‘verdade’ é menos importante que a sinceridade emocional”⁷¹. E talvez por isso mesmo, Galeano não escreve aqueles livros dentro de determinada cartilha de certo grupo, livros que “são julgados antes de ser lidos, e na verdade antes mesmo de ser escritos”⁷², pois escreve “no máximo como um guerrilheiro importuno no flanco de um exército ativo”⁷³. Os textos de Galeano, “branco e macho mas nem militar nem rico”⁷⁴, parecem confirmar que “a atitude humanista é a de que a luta deve continuar e a morte é o preço da vida”⁷⁵, que “nossa tarefa é tornar a vida digna neste mundo, que é o único que temos”⁷⁶ e que “o essencial no fato de sermos humanos é que não buscamos a perfeição, é que às vezes estamos propensos a cometer pecados em nome da lealdade, é que não assumimos o asceticismo a ponto de tornar impossível uma amizade, é que no fim estamos preparados para ser derrotados e fragmentados pela vida, que é o preço inevitável de fixarmos nosso amor em outros indivíduos humanos”⁷⁷.

⁶³ GALEANO, *Nós dizemos não*, op. cit., p. 73-4

⁶⁴ GALEANO, *As veias abertas da América Latina*, op. cit., p. 51.

⁶⁵ Aliás, isto combina muitíssimo com a definição da “extensão real do reino narrativo” de Walter Benjamin, em que associa dois grupos de narradores: “o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário”. BENJAMIN, op. cit., p. 199.

⁶⁶ GALEANO, *Contra-Senha*, op. cit., p. 25.

⁶⁷ Idem, p. 14.

⁶⁸ Idem, p. 9.

⁶⁹ Idem, p. 18.

⁷⁰ ORWELL, George. *Dentro da Baleia e outros ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 2005, p. 190.

⁷¹ Idem, p. 138.

⁷² Idem, p. 156.

⁷³ Idem, p. 163.

⁷⁴ GALEANO, *Nós dizemos não*, op. cit., p. 30.

⁷⁵ ORWELL, op. cit., p. 190.

⁷⁶ Idem, p. 74.

⁷⁷ Idem, p. 76.